

## **À Beira do Abismo me Cresceram Asas**

*O público adentra o teatro ao som de Nelson Gonçalves, Dalva, Isaurinha Garcia, Orlando Silva, músicas dos anos 40, 50, 60. As atrizes estão em cena se preparando, vestindo os figurinos, se maquiando. Isso acontece por trás de uma tela fina que divide o palco em camarins interligados ao fundo, e o quarto de Terezinha, à frente. Ali, por vezes, haverá duas cadeiras, ou uma. As próprias atrizes levam e trazem essas cadeiras, e o que mais for necessário à cena, de dentro dos camarins para o quarto, e vice-versa. Podem fazer as vezes de personagens, eventualmente, um contrarregista vestido de enfermeiro, ou a camareira das atrizes, uniformizada como auxiliar da casa de repouso em que vivem Terezinha e Valdina. Luz quente, acolhedora, sobretudo no fundo (que envolve o quarto), e se estendendo pra dentro das pernas laterais, por onde não se vê mas sente.*

### Cena 1

*Quarto aberto para jardim bem cuidado, varanda, uma cadeira de balanço. TEREZINHA, senhora de 86 anos, está recostada em sua cadeira.*

### TEREZINHA

A pedra que eu costumava ver da janela tinha desaparecido com a neblina. Chovia de dar gosto na Pedra do Onça. Era julho. "Deus quer um! Deus quer um!", o passarinho cantava, e eu, menina, pensava que Deus queria me levar, o coração pulava e eu corria para mãe, pro vô.

*(Silêncio).*

### TEREZINHA

*Naquele dia a Carijó ficou triste, como eu. (Pega um velho álbum de fotografias com fotos de seus bichos. Ou apenas relembra dentro de si e descreve para um jovem que só ela vê e que se encontra entre o público, na plateia. Tinha a Carijó, a Téia, ali tem Ludmila, ao lado dela Cristina, Berenice, Sabida, Madama, Madama porque era*

toda emplumada assim (*imita a galinha com o peito estufado*).

TEREZINHA

Há quem ache estranho amar galinhas, são pouco heroicas não é? Não são lindas como o pavão ou a águia. Mas elas me enternecem com aquela cabeça oscilante. Me identifico com elas, parecem ter uma dose saudável de incerteza. Concorda? Esta é Denoredes, minha leitoa. Ah...Como era bom aquele mundo de porquinhos, minhocas, montanhas. A vida começa grande depois vai encolhendo, agora tem que caber tudo aqui dentro desse quarto.

*(Indignada)* Ninguém perguntou se eu queria ir embora. Tive vontade de dizer para o meu filho que não queria ficar longe dele, mas ia ser um alívio para todos. Aceitei.

*(Valdina, uma senhora de 80 anos, entra com uma garrafa térmica na mão e dois copos).*

VALDINA

Já está aí perturbando o moço, não é, Terezinha? Consegui um cafezinho lá no refeitório. Liga não, meu filho, ela adora contar histórias do tempo do onça.

TEREZINHA

Tempo do onça! Deixa de ser implicante, Valdina. Até parece que você não adora falar dos dias em que era mocinha.

VALDINA

*(Solta uma gargalhada)*

Oh Gloria! Todo velho adora. Mas temos que contar para outros velhos, jovem acha chato!

TEREZINHA

Tome tento mulher, você já entra aqui dizendo que eu tô chateando, o moço quer ser chateado, veio fazer entrevista.

VALDINA

E eu vim trazer café. E alento, porque é do meu feitio encantar.

Lá no campo onde vc vivia, além das galinhas havia lagartas, não é Terezinha? Reparou como fazem as lagartas? É o único bicho que tem aqui, e eu gosto muito delas. Alimentam-se das folhas, fazem buracos como testemunhos de seu banquete, mas não matam as plantas, deixam sua marca e passam soberbas. Eu sou uma lagarta passando alegremente pela vida. *(Cumprimenta o Jovem)* Com licença e muito prazer, Valdina.

TEREZINHA

Então, como eu ia dizendo, vai escutando meu filho. Meu coração estava do tamanho de uma ervilha, já tinha chorado até secar as lágrimas, uma vontade de sair correndo para o meio do nada e ficar lá, escondida.

Deise estava do outro lado do portão. Foi a ultima vez que a vi. Fiquei olhando para ela, lá parada, ao lado da Paloma que latia como se anunciasse o apocalipse. Elas foram ficando cada vez mais distantes, até que perdi de vista.

Deise não era galinha, nem leitoa, era minha melhor amiga. Cozinhá-vamos juntas, fazíamos pão todos os dias.

VALDINA

*(Enciumada)*

Mas essa Deise nunca veio te visitar.

TEREZINHA

Deise morreu, Valdina! Não quero que venha me visitar. Deixa ela quieta!

Pois então, fui-me embora. Vim para cá.

VALDINA

Terezinha fica remoendo essas coisas, já falei para ela, a gente tem que abandonar o passado todos os dias, ou aceitá-lo. Quem não consegue, vira artista como eu, que é pra transformar, e o resto vira chato mesmo, e reclama reclama reclama.

Eu quis ser bailarina profissional, sempre tive um talento admirável! Mas não deu. *PAUSA*. Gosto de rir, sabe? De dançar e dançar... E gosto de tomar meu vinhozinho do Porto, uma cervejinha de vez em quando... Escondida. Vou lá na grade, dou um dinheirinho a um passante simpático, e peço para comprar. Enfio no meio dos peitos e venho. Ô Terezinha, *(ela que já arrumava as coisas pelo quarto, íntima, vem em direção à vitrola e começa a mexer nos discos antigos)* cadê aquele disco do Vicente Celestino cantando Catulo da Paixão Cearense?

TEREZINHA

Está aí.

VALDINA

Ah! Achei. Ouve essa, rapaz.

*(Coloca a música e começa a dançar de olhos fechados como se inventasse uma coreografia de balé meio moderno, é estranho porque não chega lá, mas é belo ainda assim. E vai cantando junto com a melodia)*

VALDINA

Linda! Oh Glória! Ah meus tempos... E você pensa que minha vida foi fácil? A família que construí Deus achou melhor levar antes de mim. Primeiro meu marido que faleceu dormindo como um inocente, depois mataram meu filho; um mês depois os mesmos bandidos tiraram a vida do meu segundo menino. Ficamos eu e minha filha que lutava contra um câncer. Parece filme de mau gosto, parece mas não é. A filha morreu. Agora tô aqui nesse lugar onde o tempo não passa, esperando. Esperando o que hein Terezinha?

TEREZINHA

*(Não responde)* Você, que é jovem, viva com calma, saboreando, porque passa feito um cometa, olhou zarpou, você nem viu. Aliás, esse é o defeito dos jovens: ansiedade demais!

VALDINA

Ansiosos somos nós, amarrados nessa carne velha, uma dor aqui, outra ali, tira atenção do que importa. Um monte de coisa por fazer e cadê a força? E o tempo, esse traíçoeiro? Quando a gente quer que passe ele se arrasta, quando precisa dele já não tem. O jovem não, tá tranquilo, vivendo o dia de hoje, se lixando pro amanhã.... isso é que é espiritualidade. Jovem não economiza energia, se joga nas coisas com fé.

TEREZINHA

Problema do jovem é juventude em excesso, mas como é sabido, todo mundo se cura disso.

VALDINA

Namore pelo menos uns seis meses antes de se casar viu, e escolha uma pessoa que goste de bater papo, jogar conversa fora, como dizia minha mãe. Quando chega a idade, uma conversa íntima, sem esforço, é o que mais conta.

TEREZINHA

Se a moça for boa de conversa não vai ser boa de cama.

VALDINA

Como?!

TEREZINHA

É o que diz o Juarez. Juarez, meu filho, é um velho aqui do asilo, deve entender porque vive se gabando da época que era bonitão e sedutor. Eu não sei nada dessas coisas, mas tenho a impressão que a tese dele se aplica melhor aos homens.

VALDINA

Tá saidinha ela hoje. Não gosta de falar desses assuntos, deve ser sua presença que botou ela assim, solta.  
*Tempo. O texto é cheio de pequenas incongruências, mudanças de assunto levemente abruptas, para que as atrizes voem para outro mundo, das recordações. Ou da*

*fantasia, que é mais ou menos o mesmo. Elas devem ter tb pequenos lapsos de memória.*

Eu fui uma mulher bonita sabe, chamava atenção na rua. E gostava daquela troca de olhares, quando a gente percebe que agradou. Era muito bom aquilo. Aí de noite, na intimidade com meu Tutuco - era o apelido do marido - o trelelé da tarde servia de pimenta pra relação da gente. Oh glória! Por ele larguei meus sonhos de bailarina, levava muito jeito, e sempre tive o espírito certo pra ser artista, era livre por dentro.

TEREZINHA

Não tinha vergonha de ficar assanhada por aí traindo o marido na rua?

VALDINA

Não traía não. Só gostava de saber que poderia. São essas coisas que temperam a vida. Hoje *não posso mais* tantas coisas. Se não tomar cuidado esses impedimentos, unzinho aqui outro ali, são eles que vão acabando com a disposição da gente.

TEREZINHA

Dor nas juntas, isso q acaba com a disposição. Eu dou graças a Deus de não ter mais que ficar seduzindo ninguém, quanta energia boa gasta com coisa inútil. Agora sobra mais tempo pra o que importa.

VALDINA

Mas o que importa não quer saber de você.

TEREZINHA

Tem dias que dá uma esvaziada nos sentimentos, parece uma anestesia, e nada importa. É quase bom. Não me lembro de sentir isso antes, agora é frequente.

VALDINA

Esvaziar é bom... Você acha que não sinto saudade dos meus filhos? Do marido? Mas dor passa, a vida é hoje. Ficar remoendo o passado, (*pra Terezinha*) principalmente de gente morta, deixa a alma desassossegada.

TEREZINHA

Mas os *meus* filhos estão vivos!

VALDINA

*(resmungando meio pra dentro)* É como se não tivessem.

*Tempo. Silêncio*

TEREZINHA

Sabe, rapaz, meu pai era quase trinta anos mais velho que minha mãe. Quando se casaram, ele sentia muito ciúme dela. Tiveram três filhos: eu, minha irmã Dália e meu irmão João. O ciúme era tanto, que ele deixava mamãe presa dentro de casa e ia trabalhar. Um dia ela combinou com uma vizinha, colocou uma escada no muro e fugiu com as três crianças. Papai fez de um tudo para ela voltar, mas minha mãe era durona e não quis mais saber do marido. Olha a foto dela aqui.

*E vira a página do álbum novamente.*

*Obs: O álbum pode aparecer no cenário, com figuras atemporais, fotos de extraordinária beleza retratando gente. Nada deve ser literal, sempre uma imagem análoga, uma metáfora que dê a entender que talvez haja uma leve demência, ou apenas, que ela guarde em seu "baú de lembranças", memórias numa forma muito particular. Ex: para a mãe, Maria Bonita, Indira Ganhdi, Thatcher... Ou uma figura não humana.*

TEREZINHA

Minha mãe... Mas, então, vai escutando, ao perceber que não tinha mais jeito, papai resolveu punir a esposa, e não ajudava na educação dos filhos. Não aparecia, e nem dava um centavo.

Foram tempos de pobreza. Meus irmãos por parte de pai levavam uma vida de príncipe, e nós vivíamos numa casinha de dois cômodos, parede fininha. De noite escutava minha mãe chorando. Chorava prum Deus que não ligava pra gente.

VALDINA

Ah, conta do negão!

TEREZINHA

Valdina adora safadeza. Não tem nada demais! Um dia mamãe casou com um negro de dois metros, e os dois se davam muito bem. É isso. Boba.

VALDINA

Sei. Casou com gajo e conheceu a superioridade da raça negra, né?! *(Pela tese do Juarez...)* devia ser péssimo de conversa esse. Oh Glória!

*(Solta uma gargalhada)*

TEREZINHA

Velha desse jeito... você não tem filtro mulher?

VALDINA

Filtro pra que? Voltei pra infância, falo o que passa na cabeça, alguma vantagem à velhice tem que nos dar, não é meu jovem?

TEREZINHA

*(Começa a rir sozinha, num crescendo, vai às lágrimas de riso)* A gente começa a falar dessas coisas, lembra o que não deve. Tô lembrando da neta da Glauce.

VALDINA

A Glauce é outra que mora aqui com a gente.

TEREZINHA

*(Esquecendo-se de sua própria idade)* Uma velhíssima já passada dos oitenta.

VALDINA

Imagina que outro dia veio a neta buscar pra uma consulta. Glauce tava com um problema nas partes. Parece que chegou no ginecologista, o homem examinou e perguntou: A senhora se masturba? E a Glauce: Claro! E ele: Muitas vezes? E a Glauce: Claro! Quantas vezes ao dia? Olha doutor, não posso mais ler, não enxergo, na tv vejo tudo nublado, ninguém vem visitar, não tenho o q



fazer...eu me masturbo ora, três, quatro, cinco vezes por dia.

TEREZINHA

*(Rindo mais, baixinho, catártico relaxamento)* A neta que tinha chegado no consultório com a vovozinha doente, saiu de lá com uma velha safada e uma receita de lubrificante vaginal!

*Gargalhadas gerais*

TEREZINHA

Conta do seu casamento, já que gosta tanto de falar bobeirinhas!

VALDINA

Sabe o que é, moço, casei com 15 anos. Não sabia nada dessas coisas de sexo. Nada mesmo. Minha mãe não explicou o que aconteceria quando chegasse a hora de ficar sozinha com meu marido. Eu achava que se nadasse no mesmo rio, podia ficar grávida. Então, quando me deparei com aquele homem de quase dois metros, só de ceroula e todo "alterado", vindo para cima de mim, entrei em desespero. Comecei a chorar. Lembro como se fosse hoje. Depois da festa na casa dos meus pais, tirei o vestido de noiva e seguimos a pé rumo a nossa moradia que ficava num sítio não muito longe da casa de papai. Já era noite. O homem fez uma tocha de saco de estopa, encharcou de querosene, e aquilo foi iluminando o caminho completamente deserto. Uma hora o fogo apagou e ficamos num breu total. Tive tanto medo que pedi para voltar, mas ele, é claro, não permitiu: "Agora você é minha mulher, tem que ficar comigo". Quando finalmente chegamos na casa nova, percebi meu esposo já bem animado com a noite de núpcias. Fui tomar um banho e coloquei a "camisola do dia", que tia Dejanira tinha dado de presente. Ao entrar no quarto, ele 'alteradíssimo', olhei aquela anomalia apontada para mim... comecei a chorar, achando que a criatura nunca mais voltaria ao que era. O pobre tentou de tudo que era jeito, mas nada me fazia relaxar, eu era arisca. Ele até que foi paciente! Bom, perdeu a paciência no meio e ameaçou me devolver aos

meus pais, mas era o desespero, coitado! Demorou uns cinco dias para conseguir consumir o casamento.

TEREZINHA

Mas depois você passou a gostar até demais, né?

VALDINA

E não? Oh! Gloria! Eu mesma aticava na hora de dormir. Fomos belos amantes, mas com o passar dos anos, essas doenças da velhice, o fogo foi se apagando, morrendo, até que apagou de vez. Hoje em dia só gosto de falar, que é pra rir. Rir é bom.

TEREZINHA

Rir faz o tempo passar rápido e o nosso já é curto.

VALDINA

Rir faz o tempo valer a pena. Dá sentido pra essa espera besta pelo dia que ninguém quer ver chegar.

TEREZINHA

O fogo apagou, você não faz mais nada, mas adora dançar agarradinha nas festas das Dativosas.

VALDINA

Oh! Tem até um "rala e rola", mas chegar nos finalmentes mesmo, não chego mais não. A coisa de velho não sobe Terezinha, cai num sono eterno. Se for grande, vira barbante, e pequeno vira botão. Você está é por fora.

TEREZINHA

Conta aquela do Tutuco. *(Terezinha é a melhor plateia)*

VALDINA

Fala de mim, mas adora um mal feito! Vai escutando moço. Uma noite, peguei meu falecido sentado na beira da cama, muito chateado, numa conversa séria com o barbante dele, "Nascemos juntos, crescemos juntos, porque razão tu tinhas que morrer antes de mim sacana?" Hoje tem remédio reanimante que eles tomam para acordar os pertences. Mas Tutuco, infelizmente, nunca quis fazer uso.

*(Valdina ri. Tem uma gargalhada alta e gostosa).*

TEREZINHA

As Dadivosas é um grupo de mulheres que vem aqui trazer alegria pros encaminhados *(faz gesto indicando o caminho do Além)*, sabe. Tem mulher de tudo quanto é idade. Moça, velha, e mais ou menos.

VALDINA

Trazem sanduíche, sorvete, refrigerante... Eu peço para trazerem uma cervejinha escondida, e elas trazem. Quer dizer, a Alice que traz. Escondida, porque se a chefona descobre, mata ela. *(Ri gostoso)*

TEREZINHA

Isso era antes, boba, agora entrou um diretor novo, o Mariano. Escuta só o que ele fez. Tem uma aqui que foi cantora de ópera, famosa, teve foto no jornal e tudo. Mas é alcoólatra coitada. Ficava na cerca e o povo ruim dava álcool puro só pra ver ela caída desmoronada. Pois esse diretor que entrou, um moço jovem, inteligente, viu a cena um dia e combinou com a Eugênia q se ela nunca mais fosse pra cerca ia ganhar uma garrafa de vinho por dia, todos os dias, até o fim da vida, por conta da casa.

VALDINA

Eugênia nunca mais foi pra cerca, agora senta numa mesa do jardim e vai ficando bebinha, tranquila, sem ninguém incomodar.

TEREZINHA

Certíssimo o Mariano, não acha meu jovem? A mulher bebeu a vida inteira, agora, com quase noventa e largada aqui nesse fim de mundo, vai querer reformar os hábitos da criatura. Deixa a pobre ser feliz, ora.

VALDINA

Eu as vezes sento com ela, até danço pra ela, Eugênia pede.

TEREZINHA

É bonito de ver. Junta um povo em volta. Eugênia canta árias de óperas, Valdina dança, vai transformando os personagens em movimento. Gosto muito quando fazem Tristão e Isolda, e entre as duas, assim de improviso, vai saindo um espetáculo de encher os olhos e ouvidos. *(Com aquela crueza q só os velhos podem ter, mas elogiando)* Pra quem já não enxerga muito nem escuta grandes coisas é uma preciosidade.

*Aqui podíamos usar do recurso escolhido pra **mostrar** esse momento meio gauche. Eugênia entra só em forma de voz, ou, melhor, personificada pela atriz que faz Terezinha. Neste caso, Terezinha dublaria uma ária. Seria nosso momento ópera com corpo de baile).*

*Música faz transição para As Dadas...*

TEREZINHA

O baile das Dadas tb é gostoso, a gente tava falando disso. Não é todo mês.

VALDINA

Não. Só no dia 1º de outubro, que é o dia dos velhos. Aí é uma bossa. Oh Glória! Antes elas traziam Carlos José, um tecladista, que cantava e tocava de um tudo! Mas o coitadinho morreu de câncer do pinto.

TEREZINHA

Da próstata!

VALDINA

Então elas passaram a trazer DJ, esses moços que tocam musicas que não tem letra e todo mundo dança como se estivesse recebendo um santo (*mostra*). É delicioso. Pensa que a gente só ouve Vicente Celestino? Não! No baile toca Latino, Ivete Sangalo, Funk, Calipso, marchinhas de carnaval, adoro...

*Valdina e Terezinha cantam marcha à capela. Valdina pode tentar puxar Terezinha pra dançar juntinho, esta declina. Sutil.*

VALDINA

Um dia elas trouxeram até um 'pseudo' da Orquestra Tabajara! Ah, uma pena que Terezinha não gosta.

TEREZINHA  
Eu gosto!

VALDINA  
Mas não dança.

TEREZINHA  
Não gosto só é de dançar, dá licença? Sinto dor de cabeça.

VALDINA  
Um dia vai perceber que dor de cabeça é uma grande perda de tempo. Fica lá, sentada, com cara de dor de cabeça. Nem bate o pezinho. Só comendo. Aff, como come!

TEREZINHA  
Mentira. Eu quase não tenho fome, você sabe!

VALDINA  
Sei (*piscando o olho para o jovem*). Pensa que eu não vejo? Tô lá dançando com meus velhos, mas de olho em você: só no bolo, no sorvete, só nos quitutes da Deusa.

TEREZINHA  
Só provo, tenho apetite de passarinho.

VALDINA  
(*Fazendo-se de desentendida*)  
Ah, então é isso, vejo você só provando. É isso moço, ela prova de tudo, de tudo mesmo!

TEREZINHA  
Meu filho José prometeu que no próximo encontro das Dadivosas ele vai aparecer e que ainda vai trazer os meninos. No fundo ele sente imensas saudades de mim. (*Pausa*) Faz mais de ano...

VALDINA

*(De propósito não comenta, segue no raciocínio anterior)*  
É bom demais! E a gente fica lá..., quer dizer, nem todo mundo, tem quem fique só provando, mas o resto do povo se diverte a tarde toda.

TEREZINHA

E vem gente de tudo quanto é idade. Tem até jovem! Garota de 14, 15 anos. São filhos, netos das Dadivosas. É divertido que só. Meus netos vão adorar!

VALDINA

Gente jovem é muito bom de estar perto, o vigor contagia.

TEREZINHA

A gente admira. Antigamente quando via algo que eu podia ter mas não tinha, um dom qualquer, uma qualidade...batia um desconforto... Agora não mais.

VALDINA

Com você né Terezinha, que não deixou a velhice te amargar. Porque tem o povo do chinelão - que senta na frente da tv pra assistir a vida dos outros - e acha que a alegria é uma grande injustiça mal distribuída.

TEREZINHA

Esses vão ter que voltar, passaram por aqui sem enxergar. Qdo a gente tá na corrida quer chegar na frente, é do jogo, mas repare como a gente compete mesmo só com quem tá perto, que é do nosso time. Por exemplo, vc não deseja a presidência da república, em geral vc vai querer o que tem o vizinho, ou a melhor amiga...

VALDINA

É mesmo. Eu sempre quis saber dança de salão igual uma prima minha, a Marinete. Tinha um molejo danado. Queria também ter uns vestidos q caíssem feito os dela. Não falava nada, tinha até vergonha de pensar umas coisas esquisitas de alguém q só me queria bem. Hoje, acho que danço bonito. E a roupa é o que tem. Pra que mais? É o suficiente pra me divertir nas Dadivosas.

TEREZINHA

*(Com grande admiração)* Você dança lindo Valdina!

VALDINA

*(Emoção discreta)* Olha só, tem um neto de uma das Dadivosas, que é assim, como posso dizer...? meio delicado. Como é mesmo o nome dele?

TEREZINHA

Tavinho...nunca reparei nessa delicadeza não.

VALDINA

Larga de ser sonsa Terezinha. O seu Sinval e seu Osvaldo vivem imitando o Tavinho no refeitório. O jeitinho de falar, de andar...de arrumar o cabelo assim, atrás das orelhas. Será que aquele rapaz que anda pra baixo e pra cima com o ele, é namorado?

TEREZINHA

E eu que vou saber?

VALDINA

Sempre tive curiosidade de entender como funciona esse negócio de homossexual... Dois homens meu jovem... eles têm o pirulito e tem o buraquinho; um deve fazer o papel do homem e o outro da mulher. Agora, duas mulheres...

TEREZINHA

Cria vergonha Valdina.

VALDINA

Deve ser meio sem graça. Como será que elas fazem? Com o dedo? A língua? Vamos perguntar pra Vanda?

TEREZINHA

Ah vamos, vamos sim, ótima idéia, vamos lá perguntar pra Vanda coisas sobre a intimidade dela!

VALDINA

O que é que tem? Ela não esconde de ninguém que é sapatona. Só usa roupa de homem, usa pochete! Vanda mora aqui no asilo com a Drão.

TEREZINHA

Quando chegaram diziam que eram irmãs. Mas uma é preta e a outra branca, uma gordona, dentuça, a outra magra, não se parecem nadinha, e viviam de meu amorzinho pra cá, comida na boca uma da outra. Logo todo mundo entendeu que aquilo não era amor de irmã.

VALDINA

Depois disseram que eram irmãs de criação. Eu amei muito minha irmã mas não daquele jeito... Um dia elas relaxaram, esconder pra que?, depois de uma vida inteira fazendo gracinha pra um mundo intransigente, agora é a hora da transparência. Finalmente... Pois elas são namoradas há mais de quarenta anos, assumidíssimas. Você sabe né filho, que usar 'pochete' aqui assim na cintura, sabe como?, pois então, é passaporte de sapatona? Vanda que me contou... Aliás, que nome feio, né, sapatona, fanchona...Podiam arrumar um nome melhorzinho pras moças. Tudo gente honesta, não é porque...

TEREZINHA

E no caso é injusto, a Vanda tem um pé minúsculo.

VALDINA

Mas anda de perna aberta, como se tivesse uma espiga de milho ali. Ihhh, já reparou essas fulanas andando de bicicleta, é um joelho pra cá outro pra lá, dez pra duas bem aberto, igual homem.

TEREZINHA

Mas a Vanda não nasceu sapatão não. Quando mocinha, tava de casamento marcado e tudo! Um brutamonte, sem a menor delicadeza. Tirou a honra dela à força no meio do feno.



VALDINA

Ela conta isso para todo mundo. Até pro seu Elias Sancre, um pedreiro que tava fazendo obra aqui ela contou. Vai escutando meu filho, pra piorar tinha um formigueiro no local e eles só perceberam depois. O pai obrigou a casar. O cafussú fazia o diabo com ela e minutos depois estava roncando. A coitada nunca sentia prazer algum, foi se traumatizando com a brutalidade do bronco. Até que um dia conheceu a Drão.

TEREZINHA

Adivinha o que aconteceu? Foi bem tratada, gostou. Deu um pé no lombo do noivo e até hoje tá aí com a Drão. São felizes.

*Tempo*

Já eu vou morrer virgem.

VALDINA

Que é isso Terezinha? Vc teve três filhos com seu falecido!

TEREZINHA

Mas nunca participei!

VALDINA

Outro dia a Vanda disse que a Drão toca um sininho como ninguém. Agora não me pergunte como é tocar sininho porque eu não sei. Desconfio... mas não sei. Oh Glória!

TEREZINHA

Vanda tá com a esclerose avançada, com os neurônios contaminados, vc não devia repetir as bobagens q ela fala Valdina.

VALDINA

Ih, deixa a gente rir um pouco. Você pode perder casa, carro, dinheiro, pode perder até um verdadeiro amor, trinta anos depois quando você reencontrar, vai dar graças deus por ter perdido. Mas se lhe faltar talento pra rir, aí meu filho, danou-se tudo.

TEREZINHA

Deu pra filosofar de uns tempos pra cá...

VALDINA

A verdade é que, nem todos os homens são como o noivo da Vanda. Mas que vocês são uns bobinhos, isso são, todos. Basta à mulher dar uns gemidos que já acham que chegamos ao grande encerramento. E às vezes a gente geme bem alto que é pra isso mesmo, pra acabar logo porque tá chato, chatíssimo. (*gargalha*)

TEREZINHA

Eles também fingem Valdina. Fingem intensidade que é pra ver se a gente se anima.

VALDINA

Quanto desajuste num só ato. Não dá pra entender como é que sexo tem tanta demanda. Veja bem, homem precisa dispersar, lembrar da sogra, da manchete do jornal, da conta na quitanda, que é pra conseguir se segurar e esperar a parceira. A mulher, ao contrário, concentra corpo e mente toda naquilo, porque um pio do lado de fora, bota tudo a perder.

TEREZINHA

Nunca tinha pensado nisso, mas é assim mesmo, quase um milagre quando no final da certo. Somos uns bichos muito diferentes. (*coloca de lado as fotos que estava manuseando*)

VALDINA

Somos uns bichos muito diferentes. E a mania de ficar se comparando? Oh coisa inútil.

TEREZINHA

Isso é...

Se deixasse o mundo por conta dos homens eles estavam até hoje medindo tacapes. Homem gosta de uma comparação. Se a gente diz prum homem que ele é inteligente, ele fica contente, mas se falar que ele é tão inteligente quanto o Churchill, aí... ele exulta!

VALDINA

Já a mulher, se falar pra ela que é bonita como essa daí que todo mundo comenta, como é mesmo?

TEREZINHA  
Tônia Carrero.

VALDINA  
Então, se falar que ela é tão bonita quanto a Tonia Carrero, a mulher já não gosta. Pensa: porque ele tá dizendo isso? Será que tem desejo pela Tonia Carrero? Mulher gosta de ser única! Pra agradar você tem que dizer assim: nenhuma é mais bonita que você! Guarde isso.  
Mas voltando pra...

*(Houve-se a sirene) Teatro é inundado pelo odor de café*

TEREZINHA  
A sirene. Tá na hora do chá meu filho. Vamos.

VALDINA  
Vou te apresentar a Vanda. Dizem que ela tem uma quedinha pela Terezinha. E a Drão morre de ciúme...

TEREZINHA  
Queda por mim, que o quê! Larga de ser prosa.

VALDINA  
Já pensou vcs duas, velhinhas, tocando sino, harpa, clarinete... Oh glória!  
*(Saem. B.O. É outro dia.)*

TEREZINHA  
Estou um pouco aborrecida porque ocorreu um contratempo, passei a semana animadíssima, com uma visita que ia acontecer e que infelizmente cancelaram. Mas hoje me alegrei porque seu Mariano contou que você viria me visitar novamente. Agora tô uma menina no primeiro baile do colégio. Você não faz ideia de como fiquei mexida quando soube dessa entrevista a primeira vez, que uma pessoa jovem vinha aqui porque tinha interesse em conversar comigo.

*(Pausa)*

Um cão fica bem sozinho, um gato também, nós não.. Eu me ressinto de ficar só. Quando ataca a solidão venho caminhar, falo pro vento, com as folhas, com a grama, converso com passarinho. Choro um pouco também. A vida aqui não é ruim, mas às vezes, bate um...*(pausa)*, nada não.

*(Um forte vento passa pelo local; a vida passando. Pode ser um efeito sonoro)*

Passa rápido...

Meu filho mais novo mora na Itália, a do meio, em Fortaleza. E o José, único que vive perto, o que me trouxe para cá, não tem tempo para me ver *(Pequena pausa. José não apareceu pra visita de hoje)* E ainda tem a Magnólia, a minha nora, tenho mágoa dela, peste. Dei todo amor aos meus filhos e agora, depois de velha, tenho que escutar de um deles que não pode me visitar porque a esposa não deixa. Coloquei no mundo, fiz tudo por eles, passei anos costurando, muita agulha linha pano, mede, faz e refaz para poder pagar os estudos. Mesmo quando fiquei velha, quando a saúde atrapalhou, não neguei fogo. Aí, um belo dia, o corpo interdita você. Foi o que aconteceu comigo. Esta tremedeira nas mãos...*(isso ficaria melhor num gesto, não precisa ser dito)* já passei noites questionando: Porque? E fico contrariada por não ter minha casa, sinto falta das galinhas. Até do mal humor do falecido sinto falta. Ele não era um esposo perfeito, mas quando a gente gosta, aceita o que vem junto... e num homem nascido e criado no interior, os defeitos são muitos.

*(Silêncio)*

Às vezes me esqueço das coisas...

Magnólia ficou furiosa quando meu filho considerou de eu viver na casa deles. Me senti muito humilhada. Quando meus netos vêm me ver - coisa cada vez mais rara - digo que estou feliz pra não preocupar os meninos. Mês passado meu neto mais velho se formou na faculdade... Acredita que esqueceram de me convidar pra cerimônia? A velhice não é pra covardes', Edith Piaf. Gosta dela?

TEREZINHA

Domingo é o Dia do Abandono...

Nos primeiros anos, ficava esperando a família, um amigo; descia com a melhor roupa, toda arrumada... Hoje em dia não espero mais. Fico envergonhada quando me perguntam se não tenho parentes. Mas chegou um dia que as desculpas já tinham se esgotado. Valdina entendeu tudo, ela também não recebe visitas. Todo domingo coloca um vestido lindo, as bijuterias, e nós duas saímos para caminhar. Fazemos companhia uma à outra. Reparou como estou bonita? Roupa de domingo, eu mesma cortei, costurei. Há pouco tempo as mãos ainda obedeciam. Sou magrinha, como pouco, ainda cabe. Diz se não estou uma uva.

*(Silêncio).*

A verdade, meu jovem, é que eu sonhei um futuro cheio de netos malcriados, barulhentos, a conversa boa em torno da mesa de almoço, discussões, gargalhadas, lembranças partilhadas, embelezadas no filtro do tempo. As pessoas que trabalham aqui são boas, nos tratam bem, mas estão trabalhando. Se eu amanhecer morta, não vão comemorar mas também não vão sofrer, e amanhã estão pintando as paredes do quarto para a chegada de outro ancião.

Triste acordar e não ter nada para fazer...

TEREZINHA

O que vê quando olha para mim? Uma velha rabugenta, reclamona, meio simplória, os olhos voltados prum horizonte que está muito mais perto do que ela quer vislumbrar? Ou uma velha que cospe comida, que se faz de sonsa quando pedem dela um pequeno esforço? Uma velha que todos acreditam não se dar muita conta das coisas a seu redor? É isso que você acha? É o que você vê? Pois eu não sou o que você está olhando. Eu sou aquilo que está dentro do q você está olhando. E o que eu converso com você vem de lá, eu sou o lado avesso da velha que vc vê.

*(Valdina chega com um prato na mão, duas latinhas de refrigerante debaixo do braço e copos na outra mão. Para e fica ouvido.)*

*Dentro do recurso que escolhermos, podemos ter aqui e em outros momentos, uma colagem de imagens que tenham uma relação metafórica com as fases da vida, sem ser a repetição visual do que é contado. Não queremos redundar mas fazer poesia com a imagem. Enquanto Terezinha conta a vida a poesia reinterpreta as passagens através da imagem.*

#### TEREZINHA

Sou uma menina de dez anos, eu tenho pai, mãe, e irmãos que me amam. Sou uma juvenzinha de dezesseis, com asas nos pés e um sonho de amor nas ideias. Aos vinte estou noiva, o coração salta com promessas de me unir ao mais perfeito dos homens. Sou uma jovem mulher de vinte e cinco, tenho um lugar no mundo, um lar seguro, e filhos pra encaminhar. Aos trinta os filhos cresceram; num sopro, que susto, mas todos somos unidos, nossos laços são sólidos. Aos quarenta, casa vazia, só o marido.

Aí vêm os netos e de novo a alegria da algazarra das crianças, vovó, vovô. Aos sessenta, morre o companheiro de uma existência e eu me dou conta de que o amava, não sabia, ele sempre esteve ali... O futuro sem ele me causa arrepios. Olho pra trás, olho pra mim, sou uma velha. A velhice é uma ironia, as forças se esvaem, o corpo decai, e onde há o coração faz-se um oco. Agora, pra não desistir, as vezes tenho que socar um pedaço de chumbo ali no buracão que se formou.

Só que a menina de dezesseis eu ainda levo comigo cheia de planos e sentimentos apaixonados, é uma sonhadora. A contradição é uma categoria lógica, sabe meu filho, pense nisso. E a vida é um balaio de contrassensos que um dia desemboca na morte. E o tempo? Pra que essa espera insana? Quando a gente começa a entender, a destrinchar um pouquinho o mistério... pumba!

*(Ri. Pausa. Silêncio.)*

#### VALDINA

*(Emocionada, disfarçando, como se acabasse de entrar)*  
Cheguei! Pensaram que não iria aparecer, não é?  
Enganaram-se. Valdina nunca perde uma festa!

TEREZINHA

Festa, Valdina? Você está vendo festa?

VALDINA

Não tem festa ainda! Mas vai começar agora. Visita é sempre motivo de festa. Trouxe uns sanduichinhos, refrigerante e...*(Ela tira dentre os seios uma latinha de cerveja)*. Uma cervejinha! Oh! Glória!

TEREZINHA

*(Já pegando, gulosa)* Pegou o sanduiche das crianças?

VALDINA

Ah, dei um dinheirinho prum passante, ele foi no bar e mandou fazer. *(Arrumando tudo em cima da mesinha)*

TEREZINHA

Valdina, você bebeu?

VALDINA

O passante comprou cinco latinhas, mais não coube nos peitos! Tive que beber lá na cerca mesmo.

TEREZINHA

Céus! *(Ri.)*

VALDINA

Tá cheio de criança lá embaixo. Tudo falando palavrão, que delicia. As mães com mania de mandar ficar quieta o tempo todo, dá nisso. Tem um menino, tava sentadinho no pátio, olhava pra mãe, e ela: Quietos! Dois segundos depois tentou se manifestar, e ela de novo: Quietos! Na terceira, ela não aguentou: Tá bom pode falar, e ele:  
- Tem duas moscas trepando no meu sanduiche.

TEREZINHA

Você adora um mal feito.

VALDINA

Desde de criança. Na verdade, quando eu nasci, a parteira me colocou nos braços de minha mãe, ela olhou para mim assustada, e disse: O que é isso? E a parteira: Se não latir dentro de cinco dias, pode criar que é gente. *(gargalha, está altinha)*

TEREZINHA

Quando bebe fica impossível!

VALDINA

Conversando com a enfermeira agora há pouco, ela contou uma história que me fez pensar. Num hospital havia dois homens muito doentes no mesmo quarto. Um deles podia se sentar na cama durante uma hora, todas as tardes. A cama estava encostada na única janela. O outro homem precisava ficar deitado nas costas, imóvel, por conta de uma cirurgia. Os dois conversavam horas e horas. Todas as tardes, quando o homem perto da janela se sentava, passava o tempo a descrever as coisas que conseguia enxergar do lado de fora.

A janela do quarto dava para um parque com um lago, cisnes nadavam, crianças brincavam com barcos, namorados caminhavam por jardins de flores. O homem deitado ouvia e se transportava praquela cenário de saúde e paz. Certa manhã, a enfermeira entrou no quarto e encontrou um deles sem vida, o homem perto da janela tinha falecido enquanto dormia. O outro paciente muito triste perguntou se podia ser colocado na cama da janela e ela fez a troca. Num grande esforço, ele se levantou olhou para fora, e constatou que havia ali só uma parede de tijolos. Achou estranho, quis entender o que teria feito com que seu companheiro descrevesse situações tão encantadoras.

A enfermeira acrescentou que o que se foi era cego e que nem a parede ele conseguiria ver. *(Valdina pode chorar aqui numa comoção meio piegas ainda por conta das cervejinhas)*

TEREZINHA



Uma dor partilhada é metade da tristeza, mas a felicidade, quando a gente divide, parece que dobra, não é Valdina?

VALDINA

Parece sim...

Terezinha o José ligou. Eu atendi lá embaixo. Disse que não deu pra vir hoje como prometido, mas que virá ao baile porque coincide com seu aniversário. Vem com a Magnólia, aquela peste, mas vai trazer os meninos pra compensar.

*(Terezinha ignora, segue costurando ou bordando, segue no que estiver fazendo, sem levantar o olhar)*

VALDINA

Quando tinha meu marido, meus filhos, fazíamos carnaval na noite de ano novo lá em casa. Eu e Tatau, um vizinho, bebíamos um pouquinho além da conta.

TEREZINHA

*(Ainda no clima em que estava imersa)* Vou te contar uma história tb. Os guerreiros Massai do norte da África são uma gente notável que mantem de sua comunidade, e custe o que custar, protege seus velhos. Acontece que eles vivem numa região de seca onde a água é uma raridade. É aí entra o babuíno, que são aqueles macacões de bum bum vermelho bonitos. Os Massai gostam dos babuínos porque eles sabem por onde corre a água tão indispensável à sobrevivência da comunidade.

VALDINA

Mas os guerreiros Massai gostam do macacão por conta do bum bum vermelho ou eles precisam do babuíno encontrador de água?

TEREZINHA

Gostam e precisam Valdina. Mas presta atenção pq essa é a parte importante da história. Eles precisam do babuíno vivo, sabe como fazem pra caçar o bicho sem matar?

VALDINA

Nem imagino.

TEREZINHA

Enterram uma caçamba de frutas no fundo da terra, deixando uma abertura pra que elas exalem seu perfume. O babuíno faminto enfia a mão no buraco pra catar as frutas, e depois, guloso, não abre mais por nada, ficando preso pelo braço. Aí os Massai vão lá e capturam ele.

VALDINA

Tudo pra depois os macacos indicarem onde tem agua pros velhos né?

TEREZINHA

Pra vc ver como outros povos usam todo tipo de artifício pra cuidar dos seus, enquanto nossos familiares aqui...

VALDINA

Nem se vc fosse o macaco!

TEREZINHA

Nem que eu pintasse meu próprio traseiro de ouro e prata!

*Elas se divertem.*

VALDINA

Ahh, ia ficar uma macacona graciosa com o bumbum todo dourado! Eu convidava pro carnaval lá de casa. A gente ia tomar todas, eu, vc e o vizinho, um babuíno bebum lá da redondeza. Vc ia gostar Terezinha. Meu marido não tinha ciúme, mas ele não bebia que era para cuidar de mim. Conta o Tutuco (*para o jovem*), Tutuco era o apelido do meu finado marido. Então, conta Tutuco que eu ficava chamando minha mãe, que já era defunta fazia tempo! (*ri. comovida*) Êta, eu era feliz e não sabia.

TEREZINHA

A gente sabe, mas não lembra de dar valor. Eu sabia.

VALDINA

E os bailes? E a folia? Adorava! Ainda adoro, não morri. Olha, é o seguinte, se Deus existe e ele me apontou a

maça lá no paraíso – sabendo quem eu sou - é porque queria que eu transgredisse. Então tô aqui seguindo meu destino: pecando (*ri alto*). Mas faço tudo direitinho e ainda sou castigada no final?! Já que não dá pra entender, vamos aproveitar, é ou não é?

TEREZINHA

Morrer é mesmo uma coisa muito besta. O sujeito tá cheio de planos, tentando fazer o melhor possível, atravessa uma rua e é atropelado. Ou morre de doença que faz ainda menos sentido.

VALDINA

Terezinha, me lembra de dar esta ideia para as Dativosas. Elas bem que podiam fazer um baile de carnaval aqui todo ano, o que você acha? A gente criava as fantasias, costurava tudo aqui mesmo, enfeitava o refeitório com de serpentina, elas traziam confetes, hein, Terezinha?

Bom da vida são essas brincadeiras, é tomar um café, olhar fotografias, caminhar no jardim com a melhora amiga. 'Felicidade a gente acha...

TEREZINHA

... é em horinhas de descuido', disse o Guimarães Rosa.

VALDINA

Que não se sabe se foi feliz.

TEREZINHA

Ahh, mas q deu alegria pra um bocado de gente, isso ele deu.

***É um outro dia.***

*Ambas estão tristes. Valdina segura uma carta na mão.*

TEREZINHA

Milton foi um homem bom, mas já estávamos esperando. Ele tinha muitos problemas de saúde...Rim. Insuficiência renal. Lê aí a carta. (*para o jovem*) Valdina achou uma

cartinha na gaveta dele, você foi futucar nas coisas do Milton por que, hein? Enxerida.

VALDINA

Não fui futucar nada. Estava ajudando Dna. Odete a arrumar o quarto. Ele não tinha ninguém, precisava tirar as coisinhas de lá. Achei uma caixa com umas cartas e pedi à D. Odete se eu podia ficar com ela. Você tá interessada tb, pediu pra eu ler...

TEREZINHA

Você falou que era bonita.

*(Valdina tira a carta do envelope, abre e lê).*

VALDINA

"Me ensinaram desde moleque que homem não sente dor. Aos 18 anos casei com Aparecida de 16, éramos duas crianças começando a vida. Aos 19 tinha um filho, aos 30 tinha sete."

*(Valdina interrompe a leitura.)*

VALDINA

Cruzes! Sete filhos! Onde está essa filharada toda que não apareceu ninguém pra enterrar o morto?

TEREZINHA

Isso não é da sua conta. Lê!

VALDINA

*(Continuando a ler a carta)*

"Imagine a responsabilidade de ter que sustentar oito pessoas. Minha companheira sempre me ajudou mas o chefe da casa era eu, passei mais de vinte anos lutando para ganhar o pão, nunca tivemos dinheiro para ir a uma festa, nunca viajei. A maior aventura da vida foi pegar um ônibus até o Rio de Janeiro pra casa de uma das minhas filhas. Fora isso não saí de Muniz Freire, 78 anos naquela cidade"

*(Valdina volta a interromper a leitura.)*

VALDINA

78? Conservado, ele, hein!

TEREZINHA

Muito. E o Milton já estava aqui, se não me engano, há uns 7 anos. Ou seja, 7 mais 78... dá quanto?

*VALDINA tira uma carta dos peitos e entrega pra Terezinha*

TEREZINHA

É do Milton?

VLADINA

Não. Lê.

TEREZINHA

*(Começa a leitura)* Valdina, ...

Vc se correspondia com o Milton?

VALDINA

Não Terezinha, leia que vai entender.

TEREZINHA

Valdina, Tantos anos se passaram. Não sei com deixamos isso acontecer. Nem porque. Você foi-se embora e resistiu a todos os meus apelos de reaproximação, desistiu de alguma coisa. O que? Ao longo de todos esses 23 anos eu continuei sentindo suas dores, e foi em meu corpo, através dele, que sempre soube se você esteve bem ou mal. Com você, imagino, aconteceu o mesmo. É natural entre gêmeas fiquei sabendo um dia. Quando uma quebra o pé a outra sente dores no mesmo lugar, quando uma sofre de amor a outra se deprime com vontade de morrer, como aconteceu conosco na infância e depois também como mocinhas. Pois seguiu assim pela vida adulta, apesar de você se recusar a partilhar nossas dores e alegrias de mais perto. Quando foi embora as meninas sentiram sua falta. O Agenor não gostava de você e de início se satisfez com seu sumiço, até perceber que sem você me faltava a melhor metade. Soube há um

mês que estou com os dias contados, não há jeito pra mim.

Esta carta, minha irmã querida, lhe será entregue depois de minha partida, escrevo pra lhe dizer adeus, e também, para que saiba que depois de muito pelear comigo mesma, perdoei você. Vou-me embora com saudades, mas sem a dor desta ausência que me pesou por tantos anos. Nunca compreendi o que nos separou, mas aceitei. Se um dia encontrar espaço dentro de si, se puder visite suas sobrinhas. Você vai gostar de revê-las, são boas meninas.

Com amor,  
da sua, Cândida

*TEMPO*

VALDINA

Mariano me entregou ontem. Eu misturei os papéis por engano com a carta do Milton...

TEREZINHA

Ontem?

VALDINA

*(Não responde, "muda de assunto")* Eu trato meus mortos da maneira como sempre fiz. Não mudei o tom, não uso solenidade nem tristeza. A morte é um pequeno acidente, coisa natural, como a vida. Vai esquecer sua mãe se estiver fora do alcance da visão?

TEREZINHA

Os contornos vão esmorecendo. Eu fico tentando lembrar, por exemplo, como era a risada da minha mãe, o tom da voz dela. E por mais que eu tente não me volta a lembrança.

VALDINA

É que eu cavo até dar água. Hoje né, que sou mais doce. Sempre fui inquieta, qdo encontrava uma porta fechada abria no chute. Agora tenho mais paciência, mas não desisto. Trato a falta de memória assim, com insistência.

Eu só não me dou muita conta é do passar dos dias, das datas, da hora. Que dia é hoje?

TEREZINHA

*(Aguardando a conversa de verdade)* Não sei Valdina.

VALDINA

Eu me lembro das visitas a uma tia que morava num convento. Sempre enrolada no hábito preto, um olhar meio parado de quem desistiu. Nunca entendi o porquê da troca de nomes, Tia Dalva era Irmã Piedade. Queria perguntar mas minha mãe me punha no colo - eu numa perna a Cândida na outra - e antes que eu abrisse a boca, a mãe calava com um beliscão na costela. A gente achava aquilo terrível, uma moça linda como uma princesa, trancada para o resto da vida em um convento, ainda se fosse um castelo com príncipe pra dar beijo na boca...

TEREZINHA

Vocação.

VALDINA

Tenho minhas dúvidas. Eu acho que foi pra fugir da pobreza, pra não ter que enfrentar o mundo. Nunca gostei muito de freira. As do colégio então... umas infelizes que descontavam todo desencanto delas nas alunas. Pra que banho gelado às cinco da manhã? E aula de bordado, o q é aquilo? Passei anos tentando aprender o ponto cruz, nunca consegui, saia com os dedos furados.

*(Valdina para um pouco de matraquear. Silêncio)*

Olha, cheguei num ponto de fazer as coisas pelo prazer embutido nelas. Não tenho que correr atrás de nada, não preciso mais ser a melhor, não preciso ser admirada, ganhar dinheiro, tomar certos cuidados, e nem fazer o que esperam de mim porque seria adequando... Percebeu Terezinha q com esse meu jeito de ir falando sem medir palavra, as pessoas ficam um pouco chocadas, mas não se magoam? É a experiência. Ela dá o direito de ser do jeito que se quer, falar o que dá na telha. É a hora da verdade, da liberdade sem frescurinhas. Quer melhor?

TEREZINHA

Valdina, eu sabia da existência dessa irmã gêmea. Atendi um telefonema que era ela pra vc. A Cândida falou pouco mas eu entendi muito. Tem uns cinco anos já, tentei falar com vc, lembra? Mas vc desconversou como está fazendo agora. Pois eu sei minha amiga que vc foi morar na casa dessa irmã quando sua família desmoronou. E que vc não aguentou a felicidade dela com a família dela, e então se internou aqui nesse asilo por livre e espontânea vontade, e que está aqui a 23 anos fugindo da vida. Agora vc me entrega esta carta pra ler... Eu tô aqui ao seu lado, vamos libertar esse peso de dentro de vc minha amiga.

VALDINA

Quando morrer quero viver bem longe de você Terezinha, vou pedir pro Poderoso me colocar numa nuvem a léguas da sua. De preferencia perto da Drão, vamos bagunçar o coreto lá em cima.

Você acha q no céu eles usam léguas ou milhas?

TEREZINHA

(Seríssima, com ironia) Quilômetros, no céu é tudo pra facilitar, pra brasileiro deve ser convertido em metro.

VALDINA

A Cândida empacotou o mesmo dia de uma prima da gente. Só que a Nininha já faz 38 anos. Aos vinte, tomou veneno de rato pq descobriu que o marido tinha um caso com o padeiro. O mundo dela caiu, era jovem, daquele tipo de moça que ficava na janela esperando o grande amor passar. Ela morreu, e o homem, que ela amava tanto, continuou com o padeiro, se fartando de brioques, baguete e croissant. Em pouco tempo ninguém nem se lembrava mais dela. Boba, não conheceu as maravilhas da velhice.

*(Tempo. Silêncio.)*

TEREZINHA

Maravilha também já é exagero dela. O melhor da velhice? Ah... É poder olhar para trás e ver quanta coisa



se viveu, olhar o mundo que mudou, muita coisa pra melhor, outras pioraram demais. A ciência evoluiu muito, hoje tem vacinas, vacina é uma beleza não é? E tantas curas...

*(Olha para o jovem)*

E hoje, apesar de tudo, estou particularmente tranquila, sabe por quê? Eu mesma não vou ter tempo, mas você, meu jovem, vai carregar nossas lembranças por aí, e ainda, quem sabe, depois da reportagem vai escrever um livro, uma peça de teatro...

VALDINA

É verdade...

TEREZINHA

As tormentas atropelam o percurso da gente. Obrigam a viver de mais cautelosa do que se gostaria. Mas vc segue todo dia um bocadinho, com passos pequenos atrás da sua verdade, e quando menos espera caem as amarras. Um belo dia eu acordei sem medo! Hoje eu estou no ponto para um grande salto, como jamais em tempos anteriores. Levei 86 anos para chegar aqui e não sei se vou ter a possibilidade de fazer o que deve ser feito - acho que não - mas também não importa, as minhas conquistas eu levo comigo, e o que será será. Estou à beira de um abismo mas me cresceram asas.

VALDINA

*(Aqui a grande catarse)* Eu sou alegre de teima. Porque esta vida, pra valer, é um arrastar de correntes, é tanto sonho que a gente larga pelo caminho, tantos planos, tantas expectativas, quase nada deu certo. A vida foi tomando um rumo próprio, diferente. Quando me dei conta, o tempo havia passado e eu não tinha virado a mulher que a menina sonhou. Nem vi, mas de uma hora para outra o Universo mudou tudo, sacudiu o tabuleiro, quem era torre virou cavalo, cavalo virou rei, o rei caiu e se esborrachou, e minha irmã ali com a família bonita, testemunhado meu atropelo. *(Tempo, conclui)* Eu vou procurar as meninas.

*Alguém chama à porta. TEMPO com Terezinha*

VALDINA

*(Vai até a porta e volta noutra espírito, aliviada, segura, feliz) Minha flor, você não vai acreditar, hoje é o dia das grandes surpresas. Sua filha chegou de viagem. Vem amanhã visitar você, vem trazendo o José, seus netos, a família toda, até o estrupício da Magnólia vem pro seu aniversário. Agora é pra valer. Mesmo sem eles eu já tinha até bolado uma surpresa que você ia adorar. Mas agora vai ser a apoteose!*

*B.O.*

*Festa. O cenário se abriu, não se vê mais os camarins, tudo é um grande salão iluminado, festivo. Baile, alegria, gente em volta, criar atmosfera de crianças correndo, e velhos esperando. Terezinha e Valdina muito arrumadas. Terezinha sendo cumprimentada no salão, não larga um rocambole que assou para agradar os filhos. Espera. Os filhos não chegam, não chega ninguém da família, só estão lá os velhos de sempre com as Dativosas de sempre. Passa o tempo. **Voz de Eugênia a cantar**, Valdina está vestida de bailarina com tutu e coque, tudo a que tem direito: dança. No meio de sua dança estranha e bela, Valdina vai se transformando em José, o filho de Terezinha, e na filha que mora longe, e nos netos. Ela interpreta toda a visita que não aconteceu, sempre vestida de tutu mas com algum elemento que revele o personagem que está 'visitando'. A fantasia satisfaz Terezinha quase que plenamente. Toda a encenação deve ser poética, linda, fantasiosa.*

*Na volta ao quarto, Valdina lê Cervantes, Dom Quixote, para a amiga, uma passagem relevante de seu mundo inventado e grandioso. Ou algum poema sobre o passar do tempo que não seja de todo triste. Depois Valdina para, e começa a falar.*

*Terezinha de olhos fechados*

VALDINA

Li outro dia que o homem vai chegar aos mil anos. Sabia disso? Ainda nesse século. Me deu um cansaço meio mórbido imaginar a vida cheia de percalços sem fim, aquela sucessão de crises loooongas. A Bela Adormecida atravessou dormindo os cem anos dela. Parece mais cômodo, não é? Além do mais ainda deu a sorte de ser despertada pelo príncipe e estar incólume. Hoje, já se vive o dobro que no século passado, e às vezes penso que seria um consolo chegar logo no fim do ciclo. Por outro lado é como você diz Terezinha, estou no ponto e ainda tem tanto por fazer, aprender um instrumento, saber cantar bonito, dar a volta ao mundo, cozinhar pratos exóticos,...puxa, que maravilha o futuro! Mil anos deve dar pro começo.

*(O jovem já não se encontra. Será que era de verdade? Seria uma criação das duas?)*  
*Valdina olha e vê Terezinha dormindo. Fala sozinha.)*

VALDINA  
Fracá demais para me acompanhar.  
*(Olha para Terezinha.)*

VALDINA  
Ei! Não vai roncar feito uma locomotiva?

*(E então... compreende o que aconteceu. Pega uma manta e cobre Terezinha, senta na cadeira ao lado. Tempo. A luz vai subindo ao som de Wagner. Sobe até estourar. Wagner ao fundo.)*

VALDINA  
Como era aquela frase? *(Lembra)*  
O sol é belo por tudo que se perde ao perdê-lo.  
*(Corta Wagner! Corta luz!)*

FIM